



# ALCANÇO DE PORTUGAL

## O FADO.

Publicação semanal literaria e ilustrada

Propriedade e direcção de **JORGE GONÇALVES**

Redacção e administração — Rua do Arco  
a Jesus, n.º 81-1.  
Composição e impressão — Sociedade Nacional  
de Tipografia, Rua do Seculo, 43

NÃO SE RESTITUEM  
OS ORIGINAES

Assinaturas: Series de 10. numeros 20 centavos (200 réis) pagamento adiantado  
Avulso 2 centavos (20 réis)  
ADMINISTRADOR-EDITOR — AMADEU DE MACEDO

### Pedro Marinho

Augusto C. de Sousa

DA SEVERA Á CACILDA

### OS BONS TEMPOS DO FADO

(Recordações de um contemporaneo)  
(Continuação)

Por esta occasião tambem se cantava muito o fado no Pateo do Salema, na Rabicha, na Torrinha, no Antonio da Luiza á rua do Pátricio, na Agua Roxa, na Emilia dos Caniços, Colete Encarnado, etc., e por lá apreciavam, acompanhados sempre de grande roda de admiradores, os velhos e novos cantadores, e entre estes o Veechi, o Marinho, o Roldão, o Reynaldo Varela, o Romeu, o Sepulveda, e até o Hilario, o impagavel Hilario, nos appareceu uma noite, no Dafundo, empunhando a sua inseparavel guitarra, e cantando-nos os mais lindos fados do seu repertorio.

Como insignes guitarristas d'este tempo, cito-lhe o Tomaz Ribeiro, Carmo Dias, o Robles, Alfredo Raposo, Julio Silva, Eduardo Franco, Alberto Lima, Diamantino Mourão, Paulo Pereira, Carlos Barreiros, Carolino Brandão, Manuel da Rosalina e um novo, o Chico Padeiro. Depois do João Maria dos Anjos e do Petrolino são dos melhores que, n'estes ultimos anos, tenho ouvido fazer chorar a guitarra com as doloridas notas do fado.

Agora, — com os toiros no Campo Pequeno, com o desaparecimento das espumas de tonalidades policromas que cintilam no engastado de rendilhado da... Cada glo... me, pensa... cam... Vi... ado, ante... e uma... cratica, e canções. ofas, o seu cora... pegas, já não vencem longas caminhadas; todavia, quando sei que em tal ou tal parte se canta o fado, á moda nova, nunca falto, e foi assim que, n'uma noite d'estas, ouvi na Parreirinha, uma das mais mo-

Era por uma d'estas noites quentes de agosto, ao mesmo tempo tristes e suaves! Eu quedara-me na praia desde a tarde, vendo o sol, como uma enorme bola d'ouro, afundar-se n'um grande lago d'anil.

Nem o mais ligeiro sopio enrugava a superficie verde-azulada do mar.

Contemplava absorvido aquelle espectáculo tão digno do pincel d'um mestre ou da pena d'um poeta, e sentia-me invadir por uma doce melancolia, emquanto a minha imaginação voava por sobre aquellas aguas serenas para longe, muito longe, em busca, talvez, dos ousados navegadores de ha dois seculos.

Pouco a pouco o cenário foi-se transformando á roda de mim, e agora tudo era silencio e escuridão apenas interrompida pelo brilhar de milhões e milhões de luzinhas a cada quebrar d'uma vaga.

O mar murmurava baixinho uma canção dolente como que paiz adormecer a Natureza!

De subito surge a lua e então tudo se transforma novamente!

O mar, agora, é prata que brilha n'um belo contraste com a sombra da terra.

Ao mesmo tempo, como que poi effeito d'uma varinha de condão, distingue-se um barco, vagarosamente impellido por dois homens.

Os remadores cantam, e o seu canto case-tão tão bem com o marulhar da vaga e o sopro da brisa, que, ao ouvi-los, não nos podemos furtar a uma extranha impressão de tristeza.

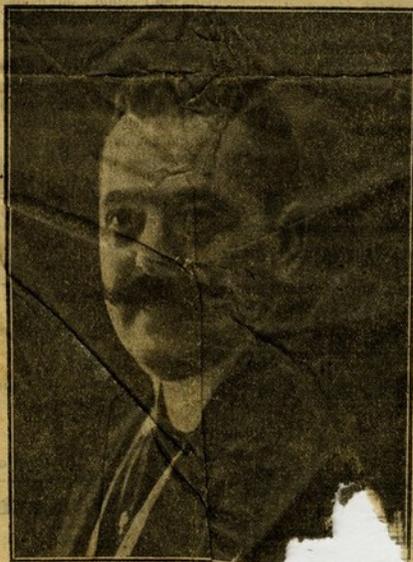
Foi então, e sómente n'esse momento, que eu percebi como fóra criado o Fado.

O mar... a brisa... um barco... e duas almas apaixonadas carpindo maguas e saudades.

Jorge Furtado Coelho.

Publicam-se todos os originaes que nos sejam enviados da provincia desde que sejam escritos em harmonia com a indole do nosso jornal e que noticiem festas populares ou particulares onde se salientem as canções portuguezas.

O nosso homenagenado de hoje E' o Fado, envolto em gaze, é a está para o Fado como a Moda para os elegantes. Artista de escol-pela maneira subtil e sentimental de emitir a voz, Pedro Marinho não é o cantor de fado que pisa todos os tablados e frequenta todos os cenáculos onde a maviosa trova se eleva em espiraes de sentimento á luz meridional da Alma Portuguesa! Não. Pedro Marinho é, desde a mocidade, o cantor da elite, o trovador da boémia doirada, o enfant gaté da rapaziada enluvada e aristocratica que — como todos os bons portuguezes — ama a delicada e sentimental canção nacional, ta f... nta!



De voz dulcificante e dicção impecavel, o illustre amator do Fado vem cantando ha longos annos e festas elegantes, onde roçam magdas e se evolvem perfumes femininas mais deliciosas canções firmadas por punhos de renda de poetas disuntos e altamente consagrados. A sua garganta, onde vive em gorgeio de ave a melodica canção, tem quaquer coisa de cristalino e suave, encantador e poetico, que embriaga, que entoncece e que deslumbra como um sorriso d'ouro nos labios rubros da aurora, como um resplendo fugace na papoila nacarada de uma boca juvenil...

Vêr condições do SORTI...

# CANTARES de defesa do Fado

## FADO ALEXANDRINO

### Sátira

(As detratores do Fado)

Para acabar meu fadario  
De tristezas e tortura,  
Coveiro do campanario  
Abre minha sepultura.

Na minha casa velhinha  
Eu quero ser sepultado  
Quero tel-a por jazigo  
P'ra não ser espezinhado!

Amor que a vida me embalas  
P'ra que me fazes sofrer?...  
Crava-me o peito de balas  
Para acabar meu viver!

Se a vida é isto que passo,  
Ao mundo nunca eu viesse!...  
A vida é um triste laço  
Que só desenganos tece!

Abra-se o chão a meus pés  
Que eu me quero sepultar,  
Quero acabar esta vida  
Que ando no mundo a pensar!

José Alves Pinheiro.

Disseste-me um dia, a rir,  
Que detestavas o fado,  
Mas agora é na guitarra,  
Que recordas o passado.

Teus choros de desespero,  
Por um tempo venturoso,  
Fazem tanger os acordes  
D'um fado bem doloroso.

São tristes os teus lamentos,  
Tristes são tuas canções,  
Nunca desprezes o fado,  
Que alivia os corações.

Amargamente cantando  
Tuas desditas, amor,  
Tens af a guitarra,  
Que as ouvirá com fervor!

Já que tu sofres e pensas  
N'um viver atormentado,  
Dize-me, beleza, ingrata:  
Se inda detestas o fado...

Moscardo.

III  
—Mas, respeitável publico, exemplifiquemos de uma forma concreta e indiscutível (s. ex.º não disse isto, mas pensou-o) que é o Fado, esse fado que «caiu de delirium tremens a uma sargeta, ruído de sífilis...»

E o sr. Lopes, entre dois «cópitos rutilos de aperitivo», e embriagado pela «torrente capitosa do odor di femina», perôra desvanecido:

1.º—Não, meu amigo; os artistas não admiram nem podem sentir o fado!

2.º—... porque o fado, em si, não vale nada, não é nada!

3.º—E vê lá: no quadro de Malhóa o que interessa não é de forma nenhuma a expressão íntima,—o «sentimento» do fado. As suas figuras não traduzem a menor emoção, a mais leve sugestão de beleza ou de ideal. Não tem vida, por isso mesmo que o fado é incapaz de ser, falho de intenção intelectual e de movimento plástico.

4.º—Sob o ponto de vista musical, isto é na sua qualificação própria, o fado é perfeitamente inferior e dissolvente. Nasceu á esquina de uma viela, no queixume de uma meretriz esventrada a pontapés por um marujo bebado.

5.º—O fado é isto: o romance sinistro de marcanes e de comboças, vinculando em sangue o castigo infamante de perjurios de amor.

6.º—E' o catecismo do Crime.  
7.º—De resto, o fado felizmente morreu. Caiu de delirium tremens a uma sargeta, ruído de sífilis, os olhos desviados na visão louca dos seus fantasmás, a cantar n'um derradeiro arranco, espumando vermes:

Chorai, fadistas, chorai...

E s. ex.º calou-se, a face enrubescida, o arboçajo arquejando, os olhos brilhantes de júbilo triunfal, conservando ainda na dextra a pistola fumegante com que alvejou o Fado e lambendo os beiços gulosos de orgulho pelo estarcimento petrificante do povo embasbacado e silencioso pela catadupa efervescente da sua filosofia contundente, estoica, a tilintar guizos de oiro ao ouvido ansioso da turba pasmada...

Mas a onda move-se, agita-se, abre-se n'um sulco espumoso, salpicando levemente a face incendiada do orador, e s. ex.º vê, com espanto, surgir da massa ondulante do povileu semi-hipnotizado pela ardenção do seu verbo uma figura esquelética, de uma magreza excessiva e causigante, erguendo ao sol um grido de protesto, um brado de revolta, n'uma aléjua luminosa, n'uma ressurreição máscula, estuante de seiva purificada, vibrante de direito á vida e... a rir, a rir, n'um eco melódico de guitarra murmurante, da pistola a fumegar na dextra do censor!

O Fado que se ergue, que se levanta, que ainda vive! Sou eu... S. ex.º errou á pontaria, deu o tiro, e a bala amorteceu-se na crista amolecida das ondas d'esse povo que o esotára espantado da audácia!

E o Fado, o fantasma, eu, encardando frente a frente o olhar laminado de aço do suposto-assassino, convicto da intangibilidade vital da imorredoura trova, exclamo n'um rugido:

—Basta, sr. Alberto! Alto, sr. Lopes!... Ah!-ó!... Vamos a destruir, a escapelisar, a fazer a autopsia aos sete quesitos do illustre censor do Fado:

(Continúa.)

Avellino de Sousa.

## A nossa sucursal

Com o fim de facilitarmos as nossas relações com o publico, obtemos do proprietario da acreditada Tabacaria Saraiva, em frente da sacristia de S. Domingos, 4 e 6, a amabilissima instancia da sua casa, para ali instalarmos a nossa sucursal. N'esse conuado estabelecimento recebem assinaturas para este semanario, dem-se collecções completas ou esquer numeros soltos e aceitamos originaes que os nossos coladores porventura ali queiram ar endereçados á nossa redacção. E, pois, um melhoramento por do qual o publico evita a made de ir mais longe, porquanto a ariaria Saraiva está situada n'um ontos centraes da capital.

## Sentir...

### MOTE

«Ninguém olha p'ra o Passado  
Sem ter saudades, ninguém!  
E' um sentir maguado,  
Mas sentir que todos teem!»

### GLOSAS

Gosando emboia a ventura  
D'um Presente sublimado,  
Sem sentir funda amargura  
Ninguém olha p'ra o Passado.

Ninguém olha p'ra as defezas  
Que passou, quer mal quer bem,  
Sem sentir n'alma tristezas,  
Sem ter saudades, ninguém!

Saudades do bem fruido,  
Tristezas do mal passado...  
E' um sentir dolorido,  
E' um sentir maguado!

Sentir tristezas d'um mal  
E ter saudades d'um bem,  
E' um sentir infernal...  
Mas sentir que todos teem!

Cezimbra, 1916

Marcos Gomes.

Angariadores de anuncios precisam-se para este semanario, em Lisboa e na provincia. Dão-se comissões vantajosas.

Continúa.

## FADO AMOROSO por PEDRO GOMES DA SILVA

INEDITO

dernas e aplaudidas cantadoras: a Caçilda.

Imitjando, com rara fidelidade e muito sentimento, as vozes de Vecchi, Marinho, Serrano e Sepulveda, a Caçilda, n'essa dolorida canção que foi a suprema paixão da Severa, da Custodia, da Cezaria e da Albertina, revelou-me qualidades que hão de dar-lhe o triunfo em toda a parte.

Imagine que doce consolação para a minha alma de velho e obstinado boémio, quando nos coralinos labios da formosa Caçilda eu vi, n'essa noite, a consagração do mais antigo e lusitanissimo fado, aquelle em que brilharam a Severa e o Borrego, a Cezaria e o Serrano.

«Canta-o á moderna, é certo... Mas não deixa de ser uma ressurreição, uma bela ressurreição do fado, sobre o qual se bordaram todos os outros fados, e pelo qual ainda freme, saudoso, o meu pobre coração...»

E aqui tem porque o Magarinhos, com a sua grande infútilção, tomando por motivo de todos os seus fadinhos o fado corrido, me comove e me recorda tristemente os belos tempos do Vimioso, do Lumiares, do Anadia e do Castelo Melhor... Esses, sim... Que foram os belos tempos do fado!...

E ficou-se... olhar perdido no vaeu... seguindo talvez a visão longinqua, semi-apagada, de alguma espera de toiros, de alguma guitarrada noturna ou de alguma bonita cantatriz do seu tempo...

«ama-se em Portugal com enorme yeemencia o Fado, essa canção, que em Portugal nasceu! Não amesquinha, não, uma trova tão bela qualquer asno escritor... qualquer douto sandeu!»

«Que importa que um censor bem mal intencionado em rendilhada prosa, e com final obsceno, viesse para a liça expurgando o veneno da sua pena d'ouro, achincalhando o Fado? Que importa, pois?— Talvez esse grande letrado o não saiba entender na sua pura essencia... Por isso vomitou, n'um artigo, a incoerencia de cheiro nauseabundo e forma horripitante!—Que importa? Se essa trova ardente, enebriante, ama-se em Portugal com enorme yeemencia!»

O poço de talento, em seu vocabulario, só marcanes viu... só encontrando comboças! E p'ra se defender, fundiu as iracas forças no Fadistas chorai, e, no prostribulario. Viu uma metreziz, um marujo frascario, e fez ao Vicio e ao Crime indecente apogeu, dizendo:—O Fado é isto, este porco museu, de que fiz um artigo alroz, mas verdadeiro!... —Mas, decerto, que d'esta inda escapa ao la-meiro o Fado, essa canção, que em Portugal nasceu.

A sua prosa vil, decerto, vomitou-a n'um momento de inveja e tédio, ou zombaria, pois foi ter um Mestre—o que deu autoria ao belo quadro O Fado—o notavel Malhóa! E n'um arrazoado indigno, feito á tóa em bilis se desfaz a pena que escarpela a trova nacional, tão meiga e tão singela, mas, sem contar, talvez, com os seus defensores, porque um chorrihlo tal de asneiras e rancores não amesquinha, não, uma trova tão bela!

Talvez o articulista, em que eu não vejo tinta, p'ra livrar-se do pégo onde se quiz meter, nas horas de alegria, ao teatro, vá ver a ignobil dança-apache, ou o tango argentino! Mas, o Fado! «Isso não... porque é o genuino precursor da Desgraça e um canto tão plebeu, uma trova banal, tão vulgar de Lineu, p'rdá qual só tem 'scricto algum parvo poeta!» —Só não 'scrève quem é refinado pateta, qualquer asno escritor... qualquer douto sandeu.

Joachim S. Capelra.

## Serões d'aldeia

Ha na provincia umas seroadas interessantes e tipicas que se celebram ao declinar do verão. São as descamisadas.

Ranchos de rapazes e raparigas, sentados em volta de uma eira, entregam-se com satisfação ao trabalho facil de separar as massarocas do milho das palhas que as envolvem. E' que as descamisadas são finalmente um ingenuo pretexto para agradaveis encontros.

Ali se juntam os namoricos que á luz meiga do luar trocam impressões e fantasmias projetos, anciando por encontrarem, entre as massarocas que descamisam, uma espiga preta que lhes permita abraçarem-se o mais legalmente possivel, segundo usança antiga muito em voga entre a gente das aldeias; ali se reúnem as vizinhas cujo maior prazer e mais agradável satisfação é desdenhar da vida alheia e arranjar defeitos a todos; os camponezes trabalhadores que vivem do amanho das suas fazendas aí discutem a fartura ou a miseria do ano, e toda a provincia, tão cheia de aspéto e tão rica de costumes, passa e vive uns momentos n'estes amigaveis centros de cavaco que são as eiras em noite de desfolhada.

E quando as conversas se exgotam e o assunto, á força de discutido, começa a escassear, veem as cantigas e as desgarradas.

Saltam ao ar como vicoças papoilas, como rozas perfuniadas, as primeiras quadras de amor, e é n'esta altura que a desfolhada adquire o aspéto mais pitoresco e mais digno de apreciação.

Lá ao fundo, ha uma cachopa despeitada com o procedimento de certo campunio que dirige chalaças a uma rapariguinha rosada e sorridente, uns dezetez anos apétitosos, trajando com a adoravel simplicidade da gente do campo.

E surge logo a alusão bem clara, bem evidente...

«Não canto por bem cantar, Nem por ser a cantadeira, Canto para fazer raiva A'quella namoradeira.»

E ele, querendo diminuir á sua culpa, procura árdilosamente attribuir á sensibilidade humana á razão da sua falta e explica:

«Não canto por bem cantar, Nem por ser a cantadeira, Canto para fazer raiva A'quella namoradeira.»

E ele, querendo diminuir á sua culpa, procura árdilosamente attribuir á sensibilidade humana á razão da sua falta e explica:

A água do rio Liz

Passa por baixo da ponte Quem quiser o cravo louco Ponha-lhe a rosa defronte.

Mas a outra, que não lhe soube bem esta explicação, simula um amio e, sem tirar os olhos do milho, canta...

Ele chove, ele chovisca Na folha ao mangerício E' bem tola e bem varia Quem por homens tem paixão.

E ele, imediatamente, embora metido entre dois fogos...

Amar e saber amar Amar e saber a quem Eu só amo a ti menina Não amo a mais ninguém.

Ha uma pequena pausa em que todos sorriem e olham maliciosamente uns para os outros, mas como além uma velhota divertida os incita a continuar a desgarrada, ouve-se logo a outra voz de mulher lamentando-se:

Trocaste-me a mim por outra Meu amor, fizeste bem. Perdeste-me a lealdade Quero perdê-la também.

E os versos continuam, encadeando-se infundavelmente, alegres uns, queixosos outros, até que o cansaço chega e todos se retiram.

Quem nunca assistiu a um d'estes espectáculos puramente provincianos não calcula como se passam umas agradáveis horas n'osta característica fase das labutas agrícolas.

Conseguirá este artigo dar-vos uma palida ideia?

José Rodrigues.

Subscrição a favor da viuva de Carlos Harrington

Em harmonia com as palavras proferidas no discurso do nosso camarada Ave-lino de Sousa, quando do funeral do nosso desditoso amigo Carlos Harrington, a Canção de Portugal vem mais uma vez apelar para a magnanimidade dos seus assinantes e leitores abrindo uma subscrição para minorar a situação aflitiva em que se encontra a desditosa viuva do infortunado poeta.

Transporte..... 6\$10 D. M..... 1\$00 A. E. P. R..... 1\$10

A transportar..... 7\$20

Os ultimos versos de Carlos Harrington

Dias antes de cerrar para sempre os olhos, este saudoso amigo enviou-nos uma trova que, pela sua dolorosissima essencia, não tivemos coragem de publicar enquanto ele foi vivo. Agora que em paz descança, resolvemos publical-a, o que faremos no proximo numero.

Aproveitamos o ensejo para agradecer-mos aos srs. Antonio da E. Palma Rita (de Vila Real de Santo Antonio) e Jaime Ferreira d'Almeida, Doloff, (do Porto) os seus cartões de pezames pela morte do desditoso Carlos Harrington.

Aceitam-se agentes nas terras da provincia onde os não haja.

Fado das ruas

A DUVIDA

MOTE

A duvida é dôr latente que atrofia o coração, a duvida é qual serpente que mata sem compaixão.

GLOSAS

A duvida, enorme chaga que jámais se cauterisa, é a matrona indecisa que o negro ciume afaga. E' a mais horrivel praga que nos persegue inclemente, é um mal omnipotente, é um inferno de Dante; —sem mobil determinante a duvida é dôr latente.

E' nuvem que se acastela nimbando a nossa alegria, e nos mantém noite e dia na incerteza da procela. Quando a nossa alma a revela —que terrivel transição— vacilamos... e a razão duvida o facto suspeito, que nos dilacera o peito e atrofia o coração.

Ela dá vida ao ciume que nos lança em magua intensa, lava de cratera imensa que atinge o mais alto cume. Inconstante vagalume —que voluteta tremente— o coração, que amor sente, já não crê, nem já duvida, e a duvida, assim mantida... a duvida é qual serpente.

E' qual serpe envenenada que nos prende e suga o sangue, deixando no seio exangue a dôr funda e concentrada. De fauce hiante, a malvada, tolhe toda a nossa ação, e, n'essa irresolução, antevemos fim lethal, que a duvida é sempre um mal que mata sem compaixão.

Augusto C. de Sousa.

A lavadeira

(Ao meu amigo Antonio Henriques (telmoso).)

MOTE

Quando canta na ribeira de saias arreagadas, ficam as aguas paradas a adorar a lavadeira!

Fernando Caldeira.

GLOSAS

Trigueirinha pelo sol que a beija todos os dias e lhe escuta as cantorias que invejam ao rouxinol, tem nos olhos um farol de luz intensa e fagueira... —Vejo-a lavar sem canceira a roupa na agua fria! Respira tanta alegria quando canta na ribeira!...

O brilho do seu olhar é uma luz sedutora... A boquinha encantadora dá vontade de a beijar! E sempre, sempre, a cantar cantigas apaixonadas, mostrando as pernas crestadas p'la ardencia solar do estio, pois que está junto do rio de saias arreagadas.

O sol beija-a com ternura sem que a moça se apoquente pois recebe o beijo quente sem a mais leve censura! Sorrir, parece a Natura quando lhe sente as passadas; as aves extasiadas calam-se, ouvindo o seu canto, e vendo-a, cheias de espanto, ficam as aguas paradas!

Eu gosto tanto de a vêr que toda a tarde ali 'stou! Sómente embora me vou quando vem a anoitecer. Sem ela, não sei viver inda que viver eu queira! Vendo-a ali, d'esta maneira, esqueço todas as máguas e fico, assim como as aguas, a adorar a lavadeira!

Francisco Gomes (Chiquillo).

ADOS Nossos ASSINANTES E LEITORES

Grande sorteio do Natal

Continuamos hoje a publicar o coupon que deverá ser trocado na nossa redação por uma senha numerada, com a qual os nossos assinantes e leitores ficarão habilitados para o grande sorteio do Natal que se realizará, como temos dito, no dia 24, na presença de um representante da autoridade.

Os nossos assinantes e leitores de Lisboa, quando quiserem, na nossa redação, pela respectiva senha. Quanto aos leitores e assinantes da provincia juntarão os referidos coupons enviando-os depois em carta fechada juntamente com uma estampilha de 25, a fim de lhes remettermos as respectivas senhas. Sabemos ser enorme o entusiasmo que lava entre os nossos estimaveis assinantes e leitores por este

Grande sorteio

pois que todos sentem o desejo de se habilitarem para receber os

Valiosos brindes

que gentilmente nos foram oferecidos por algumas das mais acreditadas casas comerciais de Lisboa, cujos nomes não é demais repetir, acrescentando a essa lista o nome do distinto

Ator Jorge Grave

um dos novos que ultimamente mais se tem salientado e que teve a amabilidade de nos oferecer para o nosso sorteio uma artistica

Bengala com castão de prata

Da acreditadissima casa

O Barateiro dos Paulistas, de que são proprietarios os conceituados comerciantes srs. Braz & Veiga, cujos estabelecimentos de faneleiro, camisaria, retirozaria e modas, na calçada do Combro, 91-93, e largo do Pogo Novo, 16 e 17, são dos mais acreditados da capital, onde todos os freguezes recebem bonus triplicados,

Uma peça de finissimo pano branco patente, da marca Casca d'ovo, para confecção de roupas de homem e de senhora.

Da firma

Julio Gomes Ferreira & C.ª com casa de candieiros, tintas, fogões, esquentadores, etc., na rua da Vitoria, 82-88, casa esta que muito recomendamos aos nossos assinantes e leitores, como sendo uma das principaes no seu genero,

Um lindo objeto d'arte

que brevemente desvendaremos á curiosidade dos nossos leitores.

Da

Alfaiataria Manuel da Costa, na rua da Esperança, 93-97, onde se confeccionam fatos extremamente elegantes e onde se encontra grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras,

Um corte de casimira ingleza

Grande sorteio do Natal

para calça, que será escolhido entre as mais lindas fazendas de que esta casa possui um enorme sortimento.

Da importante

Fabrica de Lanifícios de Figueiredo & C.ª, R. Duarvão, 22, em Bemfica, onde se fabricam artigos de malha de 1.ª qualidade, honrando sobremaneira a industria nacional.

Um esplendido brinde

escolhido entre os produtos manufacturados n'este estabelecimento industrial.

Da popularissima

Casa das Bengalas na rua da Prata, que é uma das ourivesarias mais chics de Lisboa, onde se encontra um grande sortimento de bengalas, cujos castões são verdadeiros mimos d'Arte.

Um lindo estojo

encerrando uma artistica caneta de prata.

Da conhecida e conceituada

Papelaria Serra & C.ª da rua do Ouro, 73, onde se executam trabalhos tipograficos em todos os generos, especialmente bilhetes de visita, e onde se encontram á venda canetas com tinta das mais acreditadas marcas, pastas e estojos de utilidades diversas, livros comerciais, copiadores, carimbos de borracha, teta e madeira, artigos de pintura, material escolar, etc.,

Uma linda caixa de papel de luxo

Da

Casa Tokio da calçada da Estrela, 45, onde se vendem generos de mercaderia e de pastelaria de primeira qualidade e a magnifica Cevada do Cairo que substitue vantajosamente o café, e da qual o proprietario d'este conceituado estabelecimento, sr. Manuel Rodrigues, é depositario unico, elegantes pacotes da

Bela Cevada do Cairo

Do distincto artista

Adriano Mourão, com atelier na calçada da Estrela, 15, 1.ª D., e que é um dos mais habéis no exercicio do seu mister

Uma artistica ampliação a crayon

reproduzindo o retrato que para esse fim nos fór enviado.

Do distincto artista

Rocha Vieira, um dos nomes mais em evidencia no nosso meio artistico,

Um desenho tendo por motivo a guerra européa

Nos numeros subsequentes iremos desvendando aos nossos leitores quaes os brindes de nos tem sido oferecidos para este sorteio, e com os quaes o publico em geral caminhará de surpresa em surpresa, tantos e tão variados são os objectos que amavelmente nos tem sido ofertados para o



J. C. Vieira—Ainda não tivemos tempo de ler as suas trovas sobre Laura e Petrarcha. O assunto é bonito e, se houver sido bem tratado, verá a luz da publicidade a seu tempo. Quanto á quadra a concurso, acozamos mais cedo.

Time Alves—A sua liberdade fica deita para a griguação no momento de pôr a quadra a concurso, acozamos mais cedo.

Jão B. rio Jôa—O har no ona de didaremos de lançar o que ga fica mal-a, ismo...

Ma de curso já

tada que anali si Bre de ge-precisa Bombar-

e D. Celes- nos envia- uma coisa- anino...- breire—Que- tr um pouco- osa!

D. Maria Izabel—Gentilissima poetisa: as suas quadras precisam ser respectosamente osculadas por uns labios de poeta... E, após esse beijo dulcissimo, virão á luz... E' lei do mundo!

34-Paquenino—O seu alvitre acarretar-nos responsabilidades a que desejamos eximir-nos. Conheçemos o mundo demasiadamente, caro amigo! Em todo o caso, a subscrição está aberta para quem quizer cumprir um dever de humanidade.

Abel A. de Almeida—O cavalheiro fez na sua prosa um parenthesis tão grande, tão comprido, que difficil se torna comprehender-lhe o sentido. Tenha paciencia, emende isso. Já para cá tem mandado coisa melhor.

TURCO DO CALHARIZ Alfaiataria DE Miguel José Pereira Atualmente Exposição das novidades sensacionais para inverno. 5, L. do Calhariz, 6 LISBOA

BEBAM A FINISSIMA Agua do Alardo A MELHOR DE MEZA

**ESTANCIA DE MADEIRAS**  
CARPINTARIA e MARCENARIA  
**Botto Machado, Irmãos**  
**GOUVEIA**  
Madeiras nacionais e estrangeiras  
CONSTRUÇÕES e RECONSTRUÇÕES  
Cal hydraulica, cimentos e gazolinas  
Moveis em todos os estilos, ferragens, tapetes, oleados, espelhos, vidros, etc., etc.  
Serviço de mercadorias da estação de Gouveia para a vila.  
Brevemente, maquinas de serração, aplainar, furar e moldar.

**Papelaria SERRA & C.ª**  
TIPOGRAFIA e LITOGRAFIA  
Especialidade em bilhetes de visita  
Artigos de especialidade e material escolar. Venda e aluguer de moldes de pintura e desenho.  
**72, Rua do Ouro, 72**  
Telef. 244 LISBOA

**CAMISARIA GYSNE**  
Alfredo da Silva  
166, Rua Augusta, 166—LISBOA  
Completo sortimento de roupa branca para homem  
PREÇOS MODICOS

**DROGARIA PROIBIDADE**  
DE  
J. VALENTIM  
Produtos e especialidades farmaceuticas e aguas mineiras, nacionais e estrangeiras.  
Pertumarias, artigos de toilette, borrachas, esponjas, penos, etc., etc.  
37, Rua de Paço dos Negros, 37—LISBOA

Todas as musicas de piano  
Todos os sucessos de dança  
Todas as novidades de canto  
se vendem na  
**Casa Valentim de Carvalho**  
37, Rua da Assunção, 39  
LISBOA

**LIMA NETTO, MOURA & C.ª** CAMBIO, PAPEIS DE CREDITO  
TELEFONE 3-844  
Telegramas IMAN  
Rua dos Retrozeiros, 100 a 102 (Esquina da rua dos Sapateiros, 1 a 3)

**Antonio Bastos**  
Comissões e Consignações  
Exportador de Produtos nacionais e estrangeiros  
Rua dos Remolares, 6, 1.º  
LISBOA  
TELEFONE 1.º 1487 2.º Sala no Comercio, 22  
Endereço telegrafico ANTASTOS

Ladrilhos mosaicos

URALITA PARA TELHADOS

# R. Potau & C.ª

## FABRICA

### DE

# LADRILHOS MOSAICOS

Especialidade em lavadouros e depositos de cimento armado, tinas e lava-louças de granitoide

PREÇOS SEM CONCORRENCIA

Agentes exclusivos da:

# URALITA

## Para telhados

MOSAICO DE LUXO SEGUI

zer blocos de cimento

R. Sara... alho, 143 Lisboa

Endere... MPORDA